

# Invasoras *versus* Endemismos ou o futuro da biodiversidade



**LUIS SILVA**  
PROFESSOR  
UNIVERSITÁRIO

● A nível global, as espécies invasoras são uma ameaça para a biodiversidade. Esse fenómeno é muito preocupante em ilhas oceânicas, com floras e faunas únicas, mas frágeis

Em geral, o vulgar cidadão não se apercebe dos problemas actuais ligados à preservação das espécies mais raras e únicas de uma região (as espécies endémicas) nem aos problemas associados à introdução de espécies oriundas do exterior, e que acabam por trazer problemas ao nível da conservação da biodiversidade (as espécies invasoras).

Algumas excepções surgem quando a comunicação social reporta acerca do número crescente de espécies ameaçadas a nível mundial, com base em dados emitidos por organizações internacionais; ou quando as espécies invasoras causam danos directos no património, levando a um certo alarme social, como no caso das térmitas nos Açores.

No entanto, no passado, produziu-se uma quantidade muito significativa de informação científica e técnica sobre os problemas causados pela introdução de espécies, sobretudo em ilhas. Do mesmo modo, existe uma grande quantidade de publicações especializadas sobre a conservação das espécies ameaçadas.

Desses estudos sobressai a conclusão de que as espécies invasoras podem levar à extinção das espécies endémicas e estão, garantidamente, a levar a uma homogeneização das floras a nível mundial.

De facto, algumas das espécies introduzidas a partir de outras regiões substituem as espécies locais, sendo actualmente consideradas como um dos factores mais negativos para a preservação da biodiversidade, a par de outras alterações globais, como a destruição dos habitats naturais e as alterações climáticas.

Neste contexto, é muito importante o estabelecimento de áreas protegidas, onde se preservam as espécies e os habitats únicos de uma região, o que está a ser feito nos Açores com base nos Parques Naturais de Ilha.

Entretanto, torna-se difícil controlar as espécies invasoras e recuperar as espécies nativas e endémicas, em especial as mais raras, uma vez que tal exige recursos financeiros e técnicos. Neste sentido, foram feitos trabalhos ao nível dos Açores e da Macaronésia, em que se listaram as espécies invasoras que é prioritário controlar e as espécies endémicas e nativas que é prioritário preservar, no sentido de que se apliquem os recursos disponíveis de um modo mais eficiente.

Obviamente, não é possível controlar



**Vaccinium cylindraceum (uva-da-serra)** uma planta endémica



**Abate de incenso (uma planta invasora)**

● Não é possível controlar ou preservar algo apenas com base em artigos, listas e relatórios

● De pouco servirão esses estudos se apenas para obituário duma riqueza que se está a perder

ou preservar algo apenas com base em artigos, listas e relatórios.

No que respeita às invasoras, é preciso implementar medidas objectivas que limitem a entrada e a dispersão de mais espécies invasoras bem como medidas de controlo efectivas. Nos Açores, existe um plano de erradicação de plantas invasoras em áreas sensíveis, no entanto, sur-

gem obstáculos de vária natureza quando se tentam implementar medidas concretas. Por exemplo, no caso do incenso, a espécie lenhosa invasora mais amplamente distribuída nos Açores, com uma área de ocupação superior à da floresta de criptoméria, é impossível e até indesejável cortar todos os incensos. Após esse corte, poderiam surgir processos de erosão do solo ou apenas a entrada de outras espécies invasoras. Recentemente, num projecto associado ao MIT Portugal, foi feito o estudo acerca do potencial da utilização da biomassa daquela árvore para produção de energia. Concluiu-se que existe um enorme potencial, e que o uso da biomassa poderia estimular o corte da espécie e a sua substituição gradual por lenhosas macaronésicas como a faia-da-terra ou o vinhático, com valor energético semelhante.

Em outros casos, a população em geral tem dificuldade em encarar uma espécie como invasora. Veja-se o caso do novelão ou hortênsia. Invade áreas naturais nas ilhas das Flores, Corvo e Faial, mas é ainda

actualmente considerada como o ícone turístico da Região.

Em relação às espécies ameaçadas, é necessário implementar planos de recuperação, o que já se pratica nas ilhas Canárias, Região onde uma espécie dada como ameaçada é alvo de um plano de recuperação com valor legal.

Como cientista que estuda a biodiversidade, tenho acesso aos dados relativos ao crescente número de espécies invasoras e ao estado de conservação periclitante de algumas espécies endémicas. A minha função é publicar os resultados sob a forma de artigos científicos, relatórios e livros. No entanto, como cidadão, considero que de pouco servirão esses estudos se apenas para obituário duma riqueza que se está a perder. Deixo pois o alerta para que a comunidade em geral dedique mais atenção a esta problemática, uma vez que, tanto no controlo das espécies invasoras como na recuperação das espécies ameaçadas, ambos os fenómenos estão intimamente ligados às actividades humanas, sendo impossível inverter a situação sem uma participação activa dos cidadãos. ♦

## Estudos com o Departamento de Biologia: espécies ameaçadas

Numa avaliação de 90 plantas ameaçadas (52 endémicas), 9 foram incluídas no Top 100 da Macaronésia e 37 no Top 100 dos Açores, sendo consideradas como prioritárias em acções de conservação. As alterações no uso do solo e a proliferação de espécies invasoras têm levado a uma redução da sua área de distribuição. Trabalhos sobre a propagação de espécies endémicas (pau-branco e ginja-do-mato), permitiram aumentar a percentagem e a velocidade de germinação das sementes, facilitando a sua recuperação. ♦

## Estudos com o Departamento de Biologia: espécies invasoras

Foram feitos vários trabalhos sobre uma espécie lenhosa invasora, originária da Austrália, o incenso. Através de cálculos matemáticos, foi possível concluir que aquela espécie tem ainda capacidade para aumentar a sua área de ocupação nos Açores. Num estudo com os Serviços Florestais, que avaliou a quantidade de biomassa produzida anualmente pelo incenso concluiu-se que, por exemplo no Pico, essa biomassa poderia ser utilizada para produzir uma grande parte da energia eléctrica consumida na ilha. ♦